

Suplemento
realizado
por ADEGA



Cuarta feira,
28 de marzo
de 2018
Número 20

Caderno de
análise sobre
ecoloxismo
e o ambiente
en Galiza.
Coordinación:
Manuel Soto
Castiñeira



Eco-feminismo no século XXI

Muitas mulheres são hoje as protagonistas das lutas ambientais em todo o mundo. Além disso, os fundamentos teóricos do ambientalismo e a análise científica de problemas e soluções têm pegadas femininas. Mesmo na Galiza, temos múltiplos exemplos de ações e lutas das mulheres a favor do governo dos “Comuns” e pola defesa do ambiente.

Adela Figueroa Panisse

O eco-feminismo é um movimento que visa uma conexão entre a exploração e degradação do mundo natural e a subordinação e opressão das mulheres¹. As reportações do pensamento crítico feminino e o pensamento ecológico oferece-nos a oportunidade de nos defrontarmos a dous problemas sócio ambientais: a injusta situação de domínio e ocultação das mulheres, e o perigo da dominação da natureza, típicos ambolous dous da sociedade patriarcal ligada ao paradigma do homem como amo e guerreiro². Na sequencia destas afirmações entendemos o eco-feminismo como uma corrente de pensamento e de ação visando mulheres ativas para preservar os recursos naturais, e mulheres em luta para preservar a terra, a paz e o alimento. Analisemos estes dous assertos.

Mulheres ativas

A natureza fornece-nos de abrigo e alimento. Estes dous recursos primários resultam imprescindíveis para

assegurar a vida nossa e da nossa descendência. O eco-feminismo representa o compromisso da mulher com a Terra e também com a vida que nela se desenvolve. Não é somente procurar alimento e abrigo. É garantir que isto vai estar ao alcance de nossa filharada.

Ativas refere-se a isso. Implica trabalhar sobre os recursos primários para que estes perdurem mais aló da nossa temporalidade vital. É um conceito oposto ao de rapina. Ao da simples extração, ou a depredação. É uma conceção vital que implica ao intelecto mais finamente humano. Aquele que compromete a ideia de futuro. Este compromisso e este paradigma necessita educação, disciplina e preparação. Ter-mos assimilado que existe um tempo futuro, precisa de toda uma estrutura social e da complexidade duma normativa partilhada. Sermos seres previdentes é um resultado de sermos seres inteligentes e sociais.

A superação do estado de recoletores-caçadores, pola invenção da agricultura, instaura um novo regime nas comunidades humanas. E aparece um novo elemento: o conceito de

propriedade, ligado à posse da terra e do gando que vem de ser domesticado. Em case todas as culturas humanas a mulher passa a ser uma posse mais da estrutura produtiva. O homem tem de se assegurar que a descendência que nasce dela é sua e para isso encerra a mulher sob diferentes crenças e religiões. Também o homem precisa de mão de obra que trabalhe a terra. Para isso resulta mui prático ter a metade da população submetida e sem direitos como elemento produtor.

Em quase todas as culturas as mulheres são as responsáveis das crianças e de fornecer de alimentos à família polo cuidado das hortas. Por isso as mulheres sentem-se responsáveis da preservação dos recursos. Se calhar tem algo a ver com a sua capacidade de “dar vida”.

É necessário e justo virar o paradigma estabelecido por Hegel e comumente admitido, ainda hoje em muitas sociedades, que baseia a inferioridade da mulher com seu “primitivismo” associado à forte ligação da mulher com a natureza. Este paradigma justificava a minoria de idade das mulheres peran-

>> *Continúa na páxina seguinte*

Virxinia Rodriguez defendendo no Parlamento Galego a Lei de defensa do Bosque autotone produto da iniciativa legislativa popular que alcançou mais de 40.000 assinaturas.

>> Vén da páxina anterior

te a supremacia do varão porque eram “mais próximas” do natural. Mas agora afirmamos que esta ligação com a natureza é digna, e indispensável para garantir a preservação dos recursos naturais e para lutar em defesa da Terra, da Paz e do alimento. E exige um pensamento muito mais elaborado que aquele que se dirige a simples depredação da Terra.

O sistema patriarcal que glorifica ao “macho” dominante é predador e sem necessidade de prever futuro que garanta a sobrevivência dos descendentes. Está baseado na grande falácia. Na grande mentira. Os sistemas sociais humanos mantém-se pola exploração injusta e inclemente das mulheres e pola exploração da Terra sem qualquer previsão de futuro.

Mulheres em luta

Mulheres em luta faz apelo à defesa ativa contra a destruição dos recursos naturais. Contra a depredação irresponsável destes que os conduz ao esgotamento e os põe em risco comprometendo a sua renovação.

Na atualidade assistimos ao confronto de dous sistemas económicos em luta aberta:

A economia Capitalista que procura o enriquecimento pessoal e a economia do Bem Comum, ou dos comuns que visa a preservação do “comum” mediante uma gestão co-partilhada. A economia capitalista é indissociável do sistema patriarcal, que identifica o êxito pessoal com o enriquecimento, que precisa identificar a descendência para garantir sua herança, que empregar “mão de obra” barata como pode ser a da mulher.

A mulher fica presa no sistema Patriarcal por instituições-cárcere como o matrimónio. Nesta estrutura a femia fica trabalhando gratuitamente polo sustento, abrigo e segurança da família e o grupo social. O Homem, para manter o património dentro da sua herança genética precisa garantir que os

filhos som dele. O mais prático para isto é encerrar a mulher, bem seja com muros físicos ou tabus morais. As atitudes díscolas pagar-se irão com a perda da socialização, o desprezo da sociedade.

O bem comum

A defesa do Bem Comum imbrica-se com a defesa da natureza e dos recursos naturais, e com a inteligência superior que é capaz de elaborar horizontes de futuro. Este é um conceito que pode ser enfrentado desde diferentes pontos de vista, como são o cultural, o material, o económico e o político, todos eles imbricados e dificilmente separáveis. Os rios, as fontes, os regatos pequenos e grandes, os mares, a terra, for ela de labor ou não cultivada, as plantas e os animais. O ar que respiramos a água que bebemos ou onde nos lavamos e cozinhamos, as múltiplas e diferentes paisagens que nos acocham, isso tudo faz parte dos Bens Comuns.

A economista americana Elinor Ostrom³ levou o prémio Nobel de economia em 2009 polo seu trabalho “Análise dos recursos partilhados, o Governo dos bens Comuns”, onde demonstra que uma economia baseada na Governanza dos “Comuns” é muito mais eficaz e reparte melhor a riqueza entre a população que a economia Capitalista que fomenta o individualismo e prima o êxito individual.

A riqueza do conjunto aumenta e acaba por ser em beneficio de toda a gente. Para Ostrom, o governo dos comuns vem implementado por instituições que são produto dumas normas que o próprio grupo se dá e que implicam varias características das que eu vou destacar duas: o incumprimento das normas carrega sanções, e a reciprocidade implica o retorno dos benefícios partilhados polos individuos que usufruem o Bem Comum.

Como podemos ver o Capitalismo desembocado que hoje estamos a viver é tudo o contrario a isto. A economia mundial é um macro sistema que gera perda de energia e falta de controlo o que tem como consequência o aumento de entropia do sistema: acumulação de lixo, insegurança, destruição irreparável do ambiente e dos recursos naturais, perda de direitos laborais, exploração, trabalho infantil... O aumento desmedido desta entropia está a produzir um grande desajuste que, segundo Carlos Taibo⁴, conduzir irá ao colapso do sistema.

Lutas femininas e mártires

Entre as lutas femininas em defesa da Terra gosto de por em destaque a das mulheres indígenas como da Tribu Chipko, na Índia. O Movimento das mulheres Chipko tem um significado fortemente feminino e ecológico. Abraçadas às árvores das suas florestas opuse-

ram-se a que estas fossem cortadas numa tala massiva. Os homens defendiam o trabalho de corta por um salário imediato. Mas elas razoaram que sem árvores iriam degradar-se as fontes de água para regar as hortas, e para o uso doméstico, e ainda a erosão iria alastrar a terra da montanha para os vales arruinando as culturas que garantiam o sustento a longo prazo. Mulheres com visão de futuro e ligadas a natureza contra homens que visavam unicamente dinheiro rápido. Foi um confronto entre a inteligência provisor e fina em oposição à imediata da depredação.

No mundo da teoria económico-ambiental destaca também Gro Halem Brundland que foi Ministra de Ambiente e primeira ministra de Noruega e presidenta da Comissão Brundland da Organização das Nações Unidas dedicada ao médio ambiente e a sua relação com o progresso (1983-1987), com o seu informe Nosso Futuro Comum.

Outra mulher transcendental na defesa do ambiente e das mulheres, na África, exemplo para o mundo, é Wangari Mathai, prémio Nobel 2004 e ministra do ambiente de Kenia. Foi responsável pelo programa o “Cinto Verde” que conseguiu travar o avanço do deserto, fornecer matéria vegetal em abundância e regular os recursos hídricos com a plantação de milheiros de árvores, feito maioritariamente por mulheres.

Na Índia Vandana Shiva preconiza: *Que nenhuma mulher seja violada. Que nenhuma espécie desapareça.* O seu discurso pode ser um compêndio



¹ Mary Mellor. *Ecología y Feminismo*, 1997.

² A. Puleo. *El Ecologista*, 2002

³ Elinor Ostrom. *Análise dos Recursos Partilhados, o Governo dos Comuns*, 2009.

⁴ Carlos Taibo. *Colapso: Capitalismo Terminal, Transición Ecológica, Ecofascismo*, 2019.



1



2



3



4



5



6

de todo o declarado anteriormente: “Para mim, eco-feminismo é, basicamente, primeiro reconhecer que há uma confluência: do poder, da cobiça, do mercado, do capitalismo e da violência. O capitalismo e o patriarcado declararam que as mulheres sejam passivas e que a natureza morra. O eco-feminismo reconhece que a natureza não só está viva, mas também é a base de toda a vida e que somos parte dela. E as mulheres, temos um grande potencial, diferente, não violento, não de dominação e morte, mas sim

de cuidar e compartilhar. A criatividade e a compaixão das mulheres é possível em todos os humanos, porque não creio no determinismo genético. Este é realmente o poder do eco-feminismo”.

Em todo o mundo vemos ações valentes e decididas de mulheres na defesa do “Comum”, dos bens naturais e da sua conservação. Isto é perigoso porque colide contra os interesses do capitalismo, machista, destrutor e predador que procura o benefício rápido sem previsão do futuro. Berta Cáceres foi uma

destas mártires pela sua defesa do rio Gualcaque, rio sagrado dos Lencas. Rosane Santiago Silveira, de 59 anos, lutadora de causas ambientais, culturais e de direitos humanos foi brutalmente torturada e assassinada no sul da Bahia, na cidade de Nova Viçosa, no dia 29 de janeiro 2019 pela defesa da Terra face as construtoras imobiliárias. São apenas alguns exemplos de mulheres mártires na defesa do ambiente património comum. Muitas outras no calado sofrem desprezo, repressão e silêncio.

Rosalía de Castro

O eco-feminismo na Galiza tem longa tradição já manifestada pola nossa devanceira Rosalía de Castro. Sua voz sempre se ergueu em defesa das causas do comum, entre as que não esquecia o ambiente. Ela foi a única em protestar perante a destruição das carvalheiras⁵.

Bajo el hacha implacable
Bajo el hacha implacable, ¡cuán presto
en tierra cayeron
encinas y robles!
y a los rayos del alba risueña,
¡qué calva aparece
la cima del monte!

Sua protesta contra a destruição do bosque de Conxo foi a única que se ergueu face a ignomínia provocada polo Cardeal Payá recentemente chegado a Compostela: A Poesia “Jamás lo Olvidaré” (*En las Orillas del Sar*) é todo um alegato ecologista e, também feminista, que nos deixa ironicamente com esa simples frase “*porque gime asi importuna esa mujer*”:

Mas nosotros -si talan nuestros bosques
que cuentan siglos -quedan ya tan pocos-...

(¿Porque gime así importuna esa mujer?)...

Mas oh!, Señor a permitir no vuelvas
Que de la helada indiferencia el soplo
Apague la protesta en nuestros labios,
Que es el silencio hermano de la muerte

Y yo no quiero que mi Patria muera
Sino que, como Lázaro, ¡Dios bueno!
Resucite a la vida que ha perdido;
Y, con voz alta, que a la gloria llegue,
Le diga al mundo que Galicia existe,
Tan llena de valor cual tu la has hecho
Tan grande y tan feliz cuanto es hermosa.

Mulheres em defesa do “Comum”, desde a teoria científica até a luta ecologista e feminista: 1) Gro Harlem Brundland, 2) Elinor Ostrom, 3) Vandana Shiva, 4) Wangari Mathai, 5) Rosane Santiago Silveira, 6) Berta Cáceres.

⁵ Rosalía de Castro. *En las Orillas del Sar*.

«A mulher sabe cuidar o futuro e gerir o **Bem Comum**»

Conversamos um bocadinho mais com **Adela Figueroa Panisse**, autora deste caderno e activista incansável na defesa da natureza, na cultura e nos feminismos.

Belén Rodríguez

Por que a ecología vai ligada ao feminismo?

Porque a mulher tem muito a claro que tem que cuidar o futuro. Dou muita importância, na evolução humana, a aquisição dos tempos que se exprimem como gramática, passado, presente e futuro. O ser humano é o único (que saibamos) que tem consciência do tempo e capacidade de previdência. Mas isto é fruto da educação. Qualquer pode apreender. Mas na escala de valores “tradicionais” os roles dos diferentes géneros são marcados de início na educação recebida na família e na sociedade. O homem para a conquista a mulher para a permanência. A formação da mulher na governanza dos “Comuns” favorece sua compreensão da importância da luta ecológica. Isso é algo que pode ensinar aos homens.

Existe uma dominancia patriarcal também no ecologismo?

Indubitavelmente. A mulher tem que ir conquistando os espaços em todos os âmbitos da atividade humana. Também no ecologismo, mas é um eido em que homens e mulheres estão a fazer para que a presença feminina seja mais visível, e partilhar a luta homens e mulheres juntos/as.



Como activista ecologista, houbo algum feito machista que a marcasse pessoalmente?

Sim, mas considero que foi fruto de outros tempos. Aqueles que bloqueavam a nossa voz e a nossa presença com as grades invisíveis da coação sobre aquilo que “se esperava” de nós. Seriam muitos os exemplos, mas uma anedota me vem a cabeça: No dia da constituição de ADEGA, depois da juntança prévia na casa de Domingo Quiroga, houve reunião no colégio de advogados de Corunha. Os homens entraram, fecharam a porta e despediram-se com um

“vemo-nos logo”. As algemas invisíveis me bloquearam impedindo-me dar o passo adiante para eu entrar também. Depois na luta vi que, na maioria das vezes, o ritmo era marcado por homens e as mulheres estávamos incondicionalmente de apoio inibidas por essas cadeias invisíveis. Observo que muitas das que me rodeiam nem as vem.

“NO DIA DA CONSTITUIÇÃO DE ADEGA, AS ALGEMAS INVISÍVEIS ME BLOQUEARAM IMPEDINDO-ME DAR O PASSO ADIANTE PARA EU ENTRAR TAMBÉM”

Que papel ten a mulher de aquí em diante no movimento ecologista?

A luta ecologista é uma luta de homens e de mulheres. É uma luta de pessoas. Na medida que as

mulheres e os homens assumem seu papel de pessoas em igualdade, a ecologia será beneficiada. Pois que a diversidade é a cerna da ecologia.

Hoje, o matrimonio segue a ser uma instituição-cárcere?

Eu assim o considero porque prende a mulher num nó de afetos e de situações complexas que a coartam para desenvolver um papel social como é o trabalho ecológico. A luta mais dura é a que acontece dentro da casa, no lar familiar. Mas vejo que, na atualidade, estas diferenças de responsabilidade na família vão-se amortecendo e homens e mulheres são mais co-participes nos labores da casa e dos cuidados. Mas, ainda falta muito por fazer.

Belén Rodríguez é vogal de comunicación de ADEGA.

Adela Figueroa Panisse é presidenta da Fundación Eira da Xoana e ex-presidenta de ADEGA, tendo participado na constituição desta asociación en 1976.